



## OBITUÁRIO

### *José Manuel Paquete de Oliveira (1936-2016),* por José Luís Garcia

---

*Análise Social*, 220, LI (3.º), 2016

ISSN ONLINE 2182-2999

---

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9  
1600-189 Lisboa Portugal — [analise.social@ics.ul.pt](mailto:analise.social@ics.ul.pt)





## OBITUÁRIO

### **José Manuel Paquete de Oliveira** **(1936-2016)**

**E**m 2016, a área de estudos em comunicação, *media* e jornalismo encontra-se bem estabelecida na universidade portuguesa, com cursos, investigação, revistas, congressos, associações, e para esta situação foi grande o contributo de José Manuel Paquete de Oliveira, falecido no dia 11 de junho do presente ano em Lisboa. Feitos relevantes dessa contribuição constituem, no período que vai de 1977 aos primeiros anos do novo século, a sua docência em Sociologia da Comunicação no ISCTE (hoje ISCTE-IUL), a responsabilidade na criação, em 1998, do curso de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, e ainda o seu empenho na fundação, em 1997, da SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. A par do seu papel na formação, a partir da perspetiva sociológica, de várias gerações de estudantes em comunicação, *media* e jornalismo, Paquete de Oliveira distinguiu-se na gestão universitária, tendo tido em vários momentos altas responsabilidades executivas no ISCTE, em especial o cargo de presidente do Conselho Diretivo, e após a sua transformação em Instituto Universitário de Lisboa, o de vice-presidente, entre 2000-2003 e 2005 e 2006, este último o ano em que se jubilou.

O âmbito da sua valiosa e constante reflexão em comunicação, *media* e jornalismo encontra-se na sua dissertação de doutoramento em Sociologia (especialidade em Sociologia da Comunicação), de 1988, intitulada *Formas de “Censura Oculta” na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril (1974-1987)*.

Este estudo foi lido e objeto de aprendizagem, no seu todo ou em parte, por contingentes de estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento, e por consequência amplamente citado nos seus ensaios e dissertações. Composto por 545 páginas, tem um formato de tese de vasto escopo teórico e empírico. Constitui uma investigação de grande extensão, característica das ciências humanas e sociais até há cerca de uma década, e é dedicada a um tópico – as “censuras invisíveis” – que não cessa de ter projeção científica e cívica.

Paquete de Oliveira nasceu em 20 e outubro de 1936 na ilha da Madeira, filho de um funcionário das finanças e de uma mãe que se ocupava com uma família numerosa. Frequentou o seminário no Funchal e foi ordenado padre. Em 1959, apenas com 23 anos, ingressou num dos seus campos privilegiados de ação, os *media* e o jornalismo, tornando-se chefe de redação do *Jornal da Madeira*. Dez anos depois, no quadro do Concílio Vaticano II, deslocou-se para Roma, tendo obtido a licenciatura em Ciências Sociais – Sociologia –, em 1973, através da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Gregoriana PUG. Estimava recordar que tinha sido colega nesse curso de Manuel Braga da Cruz, antigo investigador do Instituto de Ciências Sociais, diretor da *Análise Social* e reitor da Universidade Católica Portuguesa. Vieram ambos a reencontrar-se mais tarde no ISCTE, como professores da licenciatura em Sociologia.

Regressa a Portugal nas vésperas do derrube do regime do Estado Novo, desvinculando-se então, enquanto sacerdote, da Igreja Católica, preparando-se para uma ida para o Brasil com uma bolsa do Banco Mundial. No contexto do processo político impulsionado pelo 25 de Abril de 1974, permanece no Funchal e retorna à imprensa, passando a dirigir o *Diário de Notícias da Madeira* sob o pano de fundo do clima de confronto agudo vivido neste território entre forças de direita, em várias ocasiões articuladas a ameaças separatistas, e forças de esquerda. Note-se que a imprensa da Madeira nesse período contava com o exemplo de bom jornalismo e coragem cívica contra o regime autoritário do jornal *Comércio do Funchal*, onde ganhou realce um seu colega do jornalismo, Vicente Jorge Silva, mais tarde jornalista do *Expresso* (onde se salientou na liderança da sua Revista) e fundador e primeiro diretor do diário *Público*. Nesta sequência, Paquete de Oliveira teve uma experiência política na Junta de Planeamento da Madeira. Em 1976, muda-se para Lisboa e inicia a um percurso de três décadas muito devotadas à docência e universidade, tendo depositado a carteira profissional de jornalista, embora não deixando de colaborar com os *media* em muitos períodos. O ensino conduziu-o ao Ministério da Educação, ao ISCSP e ao ISE, e finalmente ao ISCTE. Esta instituição encontrava-se nesse tempo nos começos de um rumo que levaria a alicerçar as ciências sociais no panorama universitário português, em especial a Sociologia, disciplina objeto de exclusão por parte do regime de Salazar e Caetano. José

Manuel Paquete de Oliveira, no âmbito da Sociologia da Comunicação, abraçou este empreendimento que foi reunindo figuras tão ricas, e simultaneamente distintas, incluindo proveniências nacionais diferentes. Para além da Sociologia, disciplinas das ciências sociais como a Antropologia, mas também a História Contemporânea, mais tarde igualmente a Psicologia Social, irromperam com pujança no ISCTE, cruzando-se fertilmente nessa fase, levando essa instituição a um plano de qualidade e relevo na formação em ciências sociais, de onde surgiu uma parte significativa dos docentes universitários e investigadores portugueses nessas áreas.

Para a Sociologia e para as Ciências da Comunicação, JM Paquete de Oliveira legou um intento de estudo da comunicação sob a perspetiva da sociologia, um esforço abrangente de formulação de uma conceção “antropo-socio-semiótica da comunicação”, para empregar a designação que usava, e um olhar questionador sobre os *media* no espaço público, sobressaindo o tema da censura. É nos três primeiros capítulos de *Formas de “Censura Oculta” na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril (1974-1987)* que esse esforço se encontra mais sistematizado, sendo depois retomado e desenvolvido em outros seus escritos, sobretudo em artigos. Essas páginas foram uma das principais referências portuguesas dos estudiosos do campo da comunicação nos anos 80 e 90, mantendo-se uma fonte fecunda para compreender a comunicação, a sociedade e os *media* nas suas complexas inter-relações.

A conceção antropo-socio-semiótica da comunicação, base do seu ensino e análises, era herdeira da definição clássica de Charles H. Cooley da comunicação, exposta em *Social Organization*, obra de 1909, como o mecanismo pelo qual as relações humanas existem e se desenvolvem, compreendendo o conjunto dos símbolos do espírito e os meios para os transmitir através do espaço e para os manter no tempo, abarcando a expressão do rosto, as atitudes, as palavras, o tom de voz, os gestos, os escritos, a imprensa, o comboio, o telégrafo, o telefone, lista que pode ser acrescentada nos nossos dias com os satélites, os telemóveis, a Internet, etc. Paquete de Oliveira pensava que esta definição resistia à passagem do tempo. Concedendo grande importância à tendência norte-americana da comunicação, que veio a confluir com o pragmatismo social e desembocar em larga medida no trabalho da Escola de Chicago do Pensamento Social e no interacionismo simbólico, uma outra sua forma de considerar a comunicação, só aparentemente simples, detetando-se nela a influência de George H. Mead, foi entendê-la como relação social onde existe uma participação mais ou menos consciente de indivíduos e grupos. Por isso, encarava as relações entre cultura e comunicação na sua complexidade irreduzível.

Questão fundamental num tempo em que a transmissão à distância é uma prática constante, JM Paquete de Oliveira distinguiu claramente a comunicação

face-a-face, sem interveniência de *medium*, das transmissões realizadas através de meios técnicos. Na primeira, os comunicadores trocam mensagens em todos os sentidos, estando cada qual num mesmo plano temporal e espacial, e o *medium* privilegiado é a própria pessoa, com o recurso a palavras, gestos, sons, cheiros, mímicas, etc. Na segunda, os diferentes comunicadores não estão no mesmo plano temporal e espacial, o elemento central entre eles é o *medium* – jornal, rádio, televisão, etc. (p. 74, op. cit.). Pensava que o não requisito da proximidade física é uma das características mais específicas da comunicação de massa e um dos predicados mais importantes para explicar muitos dos seus “não-efeitos” produzidos (p. 78), e, acrescentando-se, decerto também as suas consequências. A conceptualização que deixou dos *media* mantém-se como uma formulação de imenso alcance e exigência, que procura conjugar o seu papel como liame social complexo, como dispositivo de poder (e contra-poder) e fenómeno extremo. Ressaltava a necessidade de os analisar sociologicamente como sistema de vários subsistemas: o subsistema organizacional da sociedade (o quadro global); o subsistema empresarial (grupos, etc.); o subsistema editorial; o subsistema dos produtores de informação “diretos” e “indiretos” (jornalistas, comentadores...); e o subsistema de receção (que designava também de “soletração”).

Já o tópico da censura, em concreto da “censura oculta”, era para José Manuel Paquete de Oliveira um dos modos de tratar a questão da relação entre os *media* e a democracia a partir da perspectiva de que o poder político autoritário do Estado Novo não tinha tido exclusivo de pretender controlar a informação a que as pessoas têm acesso – uma circunstância que conheceu bem durante a sua atividade de jornalista e responsável de um jornal no final dos anos 50 e nos anos 60 e 70. O fim da “censura prévia” começou a cumprir-se logo no dia 25 de Abril de 1974, em que as segundas edições dos matutinos *Diário de Notícias* e *O Século* não foram já sujeitas aos censores – com tradição de predominância de militares, como Paquete de Oliveira chamou a atenção – e em que as notícias dos vespertinos foram redigidas em liberdade. Todavia, rapidamente os *media* tornaram-se palco de conflitos protagonizados pelas forças políticas emergentes do processo de rutura do regime autoritário em torno do seu controlo e do condicionamento dos seus conteúdos. Devido ao seu comprometimento com o jornalismo nessa época agitada, Paquete de Oliveira não desconhecia obviamente este processo. Após o pleno estabelecimento do regime democrático representativo, outras formas de poder surgiram que ameaçavam, e ameaçam, os meios de comunicação: a propriedade dos *media* por entidades económicas que visam antes de mais o lucro, conduzindo à marketização e monetarização da informação, tendência que vem acompanhada pelo perigo da concentração dos *media*.

As formas de “censura oculta” estudadas por Paquete de Oliveira dizem pois respeito à seguinte situação: os *media* são relevantes para a democracia política e social, pois constituem uma fonte de informação distinta, por vezes até alternativa, do poder político estabelecido, interagindo e participando ainda na construção das formas culturais vinculadas a vários domínios da vida coletiva. O investimento de JM Paquete de Oliveira no estudo dos obstáculos, entraves e oposições que visam impedir a livre circulação de pensamentos e opiniões era dirigido a elucidar não só aquela censura que é fisicamente clara e sensível e que mais atinge o público, mas também a que não é menos funesta quando ignorada, velada no impercetível em formatos escondidos, manipulatórios, hipócritas e dissimulados. Como se pode ler na sua tese – a sua edição em livro, bem assim como uma recolha dos seus artigos, é uma lacuna que deveria ser resolvida –, “as múltiplas censuras não oficiais exercidas tanto pelas autoridades públicas como pelos interesses privados são muitas vezes as mais perniciosas por serem incorporadas, desconhecidas e encobertas” (1988, p. 143).

Após a sua jubilação da Universidade, continuou ligado ao mundo dos *media* na procura incessante de um jornalismo responsável, tendo sido, a partir de 2006, o primeiro Provedor do telespetador na televisão pública e depois, desde 2013 até ao dia anterior à sua morte, o Provedor dos leitores do jornal *Público*. JM Paquete de Oliveira era casado com Céu Neves, grande repórter do *Diário de Notícias*, e pai de dois filhos.

Devo a Paquete de Oliveira, enquanto seu antigo estudante no ISCTE, a descoberta da relevância da comunicação, dos *media* e do jornalismo como objeto de investigação e reflexão sociológicas; devo-lhe ainda parte da minha aprendizagem como docente universitário nesse campo de estudos, numa altura em que dava os primeiros passos como professor, tendo sido seu assistente, partilhado com ele e outros colegas, durante muitos anos o gabinete no ISCTE, as aulas, a criação do mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação (com José Rebelo, José Jorge Barreiros, Maria Lourdes Lima dos Santos, Alexandre Melo e Idalina Conde), e co-orientando numerosos estudantes de licenciatura e mestrado. A sua serenidade, sobretudo perante as adversidades, paciência e bondade têm sido inspirações permanentes para mim.

---

GARCIA, J.L. (2016), *Obituário* “José Manuel Paquete de Oliveira (1936-2016)”. *Análise Social*, 220, LI (3.º), pp. 771-775.

---

José Luís Garcia » [jlgarcia@ics.ulisboa.pt](mailto:jlgarcia@ics.ulisboa.pt) » Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais » Av. Aníbal de Bettencourt, 9 — 1600-189 Lisboa, Portugal.

---